

A biblioteca das árvores | Davi

Enfeitiçada pela leitura do romance *Nome falso*, de Ricardo Piglia, ela não percebeu o tempo passar. De repente, as luzes se apagaram. ‘Tem gente aqui’, gritou, e ouviu os passos do vigia que caminhava em direção a sala onde ela estava. Já havia passado a hora de ele chavear o Bloco F, explicou – e, olhando no relógio do celular, finalmente ela se deu conta de que ficara lá praticamente duas horas depois do término de sua aula.

Ela pediu desculpas, juntou suas coisas, e saiu. Não se deu ao trabalho de passar no departamento para tentar deixar o projetor, pois sabia que, depois de 23:00, mais ninguém estaria ali. ‘Amanhã eu devolvo’, disse ao vigia, como se ele esperasse dela algum tipo de explicação. No estacionamento, só estavam eles dois; e, claro, a vastidão da natureza sublime que era marca registrada da universidade. Sempre teve a impressão de que, nas noites de inverno, o cheiro das plantas ficava mais forte; mas não sabia se isso tinha qualquer procedência científica. A névoa era intensa – especialmente lá, devido à geografia montanhosa – e ela não pode deixar de se sentir intimidada pela sensação de solidão e vulnerabilidade que a combinação entre aquele local e aquele clima, naquele horário, costumava lhe causar.

Sem querer soar amedrontada, chamou pelo vigia; mas foi em vão – provavelmente ele já tinha subido para os outros blocos, que também precisavam ser trancados. Tremendo, um pouco de frio e um pouco de medo, ela tentou encontrar a chave do carro dentro da bolsa, mas acabou derrubando todos os seus pertences no chão. Como se não bastasse, depois de vários minutos até recolher tudo, ela notou que uma lâmina de gelo se formara no para-brisa. Frustrada com essa sequência de empecilhos, atirou sua bolsa e o projetor no banco traseiro, deixou as portas abertas para ver se os vidros desembaçavam e decidiu ir andando até a portaria e pedir um pouco de água: era a forma mais rápida de eliminar mais aquele incômodo obstáculo.

Quando retornou, esvaziou o copo no vidro dianteiro do veículo e imediatamente entrou para limpá-lo. Pouco a pouco, o gelo se desfez; e finalmente ela pode enxergar o que se via através dele – pelo menos dentro dos limites que a neblina lhe permitia. Antes de dar a partida no carro, enviou uma mensagem para seu marido com o intuito de explicar o atraso. Ele respondeu com uma foto dele e da filha: acordados, os dois assistiam TV enquanto esperavam por ela. Ela sorriu sozinha e, por fim, deu a partida no carro. Ao

conferir o espelho antes de dar ré, logo sentiu-se petrificar. 'Boa noite, professora' – havia alguém no banco de trás.

* * *

Durante a vida, ele amou muitas mulheres, mas elas nunca lhe amaram de volta. Se apaixonava com facilidade, mergulhando em um relacionamento atrás do outro, sempre sem pensar, e sempre com a impressão de que nunca seria capaz de viver sem fulana, ou beltrana, ou sicrana. O preferido da família, de toda a família, talvez esse excesso de carência ou dependência fosse fruto de uma infância em que se sentia, 24 horas por dia, cercado por amor: onde ele sempre se sentira repleto. Deixar o seio de casa, assim, incidiria nessa eterna busca por encontrar um seio capaz de substituir ou ao menos mitigar essa falta tão grande.

Professor de literatura, seus personagens preferidos eram todos lobos solitários: Boo Radley, Roquentin, Harry Haller, Coleman Silk... talvez sentisse um misto de inveja e admiração desses sujeitos fictícios – talvez ele idealizasse o dia em que poderia se transformar em alguém semelhante a algum deles, ainda que, no fundo, ele soubesse que tal dia nunca chegaria. Antigamente, poucos meses ele passaria sem a companhia de ninguém: porém, sentia-se sempre solitário – principalmente quando havia alguma pessoa. Quando as conhecia, fingia desejar distância, mas, na verdade, a cada mulher que entrava em sua vida ele oferecia uma âncora – a âncora de si próprio. É como se, tal qual um cachorro abandonado, estivesse sempre implorando por atenção: Me amem, me levem, me proporcionem algum porto seguro.

Por algum tempo, elas até poderiam parecer dispostas a fazer isso por ele; mas, na verdade, tinham pouco para oferecer em troca do pouco que dele esperavam. Aos poucos, ele aprendeu que seu corpo negro servia tão bem para o gozo quanto servia para o descarte. Aquelas que lhe procuravam estavam em busca de uma aventura passageira – e não de um romance de longo prazo, não vamos exagerar. Engraçado, bom de cama, inteligente, interessado... ele as fazia bem enquanto estivesse com elas, enquanto não se cansavam. Mais de uma vez ouviu delas que, com ele, se sentiam livres, bonitas, longevas. Sua efemeridade era uma pena, mas uma necessidade.

Para elas, sempre haveria um ex, ou um atual, ou um futuro amor; e esse, seguramente, nunca seria ele. Ele era um objeto de desejo, mas de um único desejo bastante específico. Com o tempo, notou que preenchia sempre um mesmo papel já garantido na vida de cada uma dessas damas voláteis: o de alívio cômico, a escolha burra que precisam fazer antes de se comprometerem com um homem de verdade. 'Tudo bem', falou sozinho dentro do carro, após uma reunião – pensara nisso tudo no curto trajeto da universidade para casa. Sabia que aquilo ficara no passado; sabia, principalmente, que, após anos de tentar inutilmente superar tal situação, ou livrar-se dela, ele finalmente havia achado uma forma de conviver com tudo.

Chegou em casa no meio da tarde, as aulas haviam sido canceladas aquela noite em razão do desaparecimento de uma professora. Mesmo que fingisse que não, ele se sentia aliviado com essa notícia; vinha dormindo mal nos últimos dias, ansioso para terminar algo que havia começado a fazer há muitos anos. Ele colocou uma cerveja para gelar enquanto adubava e dava água para suas mudinhas. A elas, dedicava atenção; uma outra coisa que também aprendeu com o tempo é que as plantas são muito melhores que os bichos. Concluída sua tarefa, ela abriu a cerveja, se serviu de uma dose de cachaça, e sentou-se na escada, de frente para os fundos da casa. Enquanto o sol se punha, bebeu lentamente enquanto contemplava a beleza de seu quintal de 700 metros quadrados: uma grandiosidade que viria a calhar para seu ambicioso projeto.

Não se sentia mais sozinho como dantes; com aquele seu quintal, ele sabia que estaria sempre acompanhado: em cada canto, havia algo muito maior do que ele. Era prazeroso pensar que, no futuro, quando as árvores estivessem grandes, essa paisagem seria ainda mais bonita. Da mesma maneira que admirava sua estante de livros, ele admirou o pequenino ipê, a araucária, a cerejeira japonesa e a nativa, o pezinho de butiá e, por último, a goiaba da serra, que havia acabado de plantar naquela manhã. Sentia-se profundamente orgulhoso pela saúde de todas as plantinhas e imaginando-as, imensas, no dia em que acordaria pela última vez. De algum modo, era-lhe reconfortante pensar que, quando morresse, todas aquelas árvores continuariam lá: livres, bonitas e longevas. Entendia seu projeto como uma espécie de biblioteca; pois ele via, em cada planta daquela, uma história, uma narrativa que já havia começado a ser escrita, mas que nunca chegaria ao fim. Cada dia lia algo novo: um raminho era uma nova frase, a folha um novo parágrafo e os galhos, esses poderosos tentáculos, um novo capítulo. Assim, também, cresciam as histórias: mantidas pelo tronco do núcleo central, o enredo vai abrindo

diversas outras portas independentes. De certa maneira, ele observava o seu quintal como se estivesse lendo a biblioteca de babel.

Então, as páginas iniciais de um livro e as mudas de árvores eram, para ele, basicamente a mesma coisa: e essa manifestação de todas elas juntas, uma ao lado da outra, era análoga aos pilares iniciais dessa sua imensa biblioteca – pilares levantados por ele. A goiaba da serra havia chegado; e, devidamente plantada, ele sentia que seu projeto estava praticamente completo. Todo mundo que ele precisava estava lá: agora, bastava ele aproveitar a herança que deixaria para o planeta, depois de sua partida. Quem visitava sua casa era sempre apresentado às suas mudinhas – mostrar aos seus amigos as características delas, e ensiná-los detalhes do cuidado de cada uma, era um prazer e, de certo modo, seu legado. Além disso, era também sua maneira de fazer com que suas mudinhas pudessem entrar em contato com as pessoas de quem ele gostava – era uma socialização. O que nenhum desses visitantes imaginava era que, embaixo de cada uma das plantinhas, jazia o corpo de todas as mulheres que ele amou durante a vida, mas que nunca lhe amaram de volta.